

Corpo e envelhecimento: discurso sobre o corpo de idosos institucionalizados

Teixeira, J.S.; Correa, J. C.; Rafael, C. B. S.; Miranda, V.P.N; Ferreira, M. E. C.

A população brasileira vem envelhecendo de forma rápida desde o início da década de 60, quando a queda das taxas de fecundidade começou a alterar sua estrutura etária, estreitando progressivamente a base da pirâmide populacional. Em razão da expansão da expectativa de vida e do consequente aumento de idosos, mudanças expressivas na vida das pessoas vêm sendo constatadas (Chaimowicz 1997, citado por Danilow *et al.*, 2007).

A inserção de um número maior de integrantes familiares no mercado de trabalho traz o questionamento se a pessoa idosa deve ter preservada sua estadia no lar. Em determinadas situações ou períodos, a capacidade da família para o cuidado pode estar comprometida ou fragilizada e, nestas condições, o idoso pode constituir-se num entrave à autonomia dos familiares, seja pelas demandas do cotidiano ou pela impossibilidade de encontrar um ou mais membros da família que se disponibilizem e se responsabilizem pelo cuidado do idoso. Neste caso, a institucionalização, se torna uma das soluções encontradas para o problema.

A institucionalização é uma realidade que vem apresentando demanda cada vez maior, por fatores demográficos, sociais e de saúde (Davim, 2004). A lei n 10.741 de 1 de outubro (2003), que retrata a Política Nacional do Idoso, dispõe que, no caso da Instituição de Longa Permanência para Idoso – ILPI, os objetivos são: assistir ao idoso "sem vínculo familiar ou sem condições de prover a própria subsistência de modo a satisfazer as suas necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social" ou "idosos dependentes e/ou independentes em estado de vulnerabilidade social".

Quando analisa-se a visão de corpo das pessoas, estudos demonstram que essa apresenta-se permeada de significâncias pessoais e sociais. Ao se remeter à percepção e visão de corpo do idoso, existem lacunas identificando a necessidade de estudos mais aprofundados, essas sendo justificáveis diante

da complexidade e heterogeneidade do tema corpo em geral, e em específico o corpo idoso.

Segundo Blessmann (2004, p. 27), “sendo a velhice considerada uma etapa, assim como a infância e a juventude, é nela que se concentra o momento mais dramático de mudança de imagem corporal, porque é difícil aceitar uma imagem envelhecida em uma sociedade que tem como referência a beleza da juventude”. A imagem corporal dos idosos ajusta-se gradualmente ao corpo durante o processo de envelhecimento, porém, pode sofrer alterações, devido aos comprometimentos patológicos ou devido a distúrbios da motivação que podem afetar alterações no movimento (Monteiro, 2001). Essa imagem, também, pode sofrer distorções devido à visão negativa em relação à velhice, baseada na falsa idéia de que envelhecer gera sempre incompetência (Okuma, 1998, citado por Marcelino, 2008).

De acordo com Schilder (1999), a imagem corporal é a representação do corpo humano formada na mente, de maneira que, este corpo é o corpo que se apresenta para si mesmo e para o mundo. A percepção que temos do nosso corpo é influenciada pelos conceitos e valores da sociedade, e estrutura-se também, através do contato social. Formamos essa imagem a partir de nossas sensações, mas somos influenciados pelo que a sociedade pensa e idealiza sobre o nosso corpo (Schilder, 1999; Tavares, 2003).

É dentro dessa perspectiva que o presente estudo buscou verificar, nos discursos dos idosos, quais aspectos eles consideram quando remetem à percepção e visão que têm de seus corpos e desenvolver reflexões sobre esses discursos.

A amostra desse estudo foi obtida por conveniência, reunindo 09 idosos, sendo 3 do sexo masculino e 6 do sexo feminino; com idades entre 60 e 96 anos. Todos são moradores de uma ILPI na cidade de Juiz de Fora – MG.

A instituição pesquisada foi escolhida propositalmente, por acessibilidade do pesquisador, com propósito de ser um estudo piloto. As entrevistas foram realizadas mediante um termo de consentimento livre e esclarecido e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora na data 20/05/2010, conforme protocolo número 2057.116.2010.

Como instrumento de pesquisa utilizou-se uma entrevista semi-estruturada com dados sócio-demográficos e uma questão sobre percepção e visão de corpo de

idosos. Os discursos levantados foram transcritos literalmente e analisados de forma qualitativa, conforme Bardin (2008). Uma breve discussão foi feita à respeito de quais aspectos eles consideram quando remetem à percepção e visão de seus corpos. Os dados demográficos foram utilizados para darem maior consistência ao estudo.

Nos registros das entrevistas encontramos três visões. Uma visão de corpo “positiva”; outra, voltada, principalmente, à percepção das “doenças”, uma visão “biologicista” de corpo e em, alguns discursos, percebeu-se a influência da preocupação com cuidados “estéticos” e a beleza.

Neste estudo, a maior prevalência foi da associação positiva de percepção e visão de corpo. *“Eu estou me sentindo muito vivo.” (Sr. A); “Gosto de viver, sou feliz, tenho filhos bons.” (Sra. B).* O que mostra, de maneira adversa, à negatividade do envelhecimento, que estes idosos conseguem encarar essa etapa da vida positivamente. E conforme Cícero (1997, citado por Marcelino, 2008), o idoso tem o poder de construir uma imagem positiva da velhice e de seu processo de envelhecimento; essa etapa da vida não é feita apenas de perdas, mas também de mudanças positivas.

Em contrapartida, “muitas experiências vividas pelos idosos nesse processo, não são plenamente positivas, pois possuem marcas e símbolos sociais que acabam limitando o idoso de realizar tudo o que ele ainda seria capaz” (Ferreira, 2006, p. 84). Diante disso, foi observado, também, a associação da percepção e visão do corpo às doenças, comumente percebidas no envelhecimento. *“Saúde eu num tenho né?! Porque...é bursite aqui, dor no fêmur, dor na coluna”(Sra. Z); “Eu não posso executar as coisas que eu executava antes. Eu não posso andar sozinha, eu não tenho equilíbrio.”(Sra. N).* Relacionando à essa percepção de corpo, Withbourne e Skultety (2004) mostram que as experiências de saúde e doença têm profundas implicações na qualidade de vida do idoso, e interferem drasticamente no indivíduo, sobre seus sentimentos de vida ou de morte.

Além disso, pode-se perceber, em um discurso, a visão biológica do corpo. Esse se apresentando apenas como uma máquina que funciona dependendo dos combustíveis, *“Eu acho que, o corpo para sobreviver ele tem necessidade de cuidados né. Higiênicos, alimentação, de repouso, diversão....Todas essas coisas são fundamentais na sobrevivência do ser humano né.” (Sr. T).* Ao

ênfatizar a interrogação à respeito de suas percepções, ele demonstrou não parar pra pensar em seu corpo, porque isso não adiantaria.

Como afirma Marcelino (2008), isso nos demonstra que “todo o seu processo histórico de vida, todas as suas percepções e experiências vivenciadas ao longo de sua existência, são fatores primordiais para tentarmos entender e compreender o corpo de qualquer ser humano” (p.40). Analisando o pensamento desse autor, pode-se destacar, observado os discursos, a presença da, influência dos conceitos estéticos que nos permeiam. “*Eu procuro passar um perfuminho, deixar o cabelo sempre limpo, bem penteado principalmente pras visitas, na hora das refeições.*” (Sra. D); “*Eu gosto de andar bem arrumada, eu gosto de trazer minhas unhas arrumadas, meu cabelo arrumado*” (Sra. Z). Reforçando assim, o quão significativa são essas verdades que nos são propostas e o quanto as aceitamos.

Neste trabalho, levantou-se discussões referentes às interpretações sociais, biologicistas e fisiológicas que um grupo de idosos institucionalizados possuem de sua imagem corporal. Conseguimos reunir informações que constataram uma percepção positiva de corpo e um aumento de expectativas diante das visões e percepções de corpo dos idosos. Mas através da análise da literatura e das entrevistas, fica evidente que as percepções de corpo se diferem significativamente, o que não nos possibilitou generalizações neste momento.

Referências

- Bardin, L. (2008) *Análise de Conteúdo*. Edição Atualizada. Lisboa: Edições 70.
- Blessmann, E.J. (2004) CORPOREIDADE E ENVELHECIMENTO: o significado do corpo na velhice. *Estud. interdiscip. envelhec.* 6: 21-39.
- Danilow, M. Z. *et al.* (2007). Perfil epidemiológico, sociodemográfico e psicossocial de idosos institucionalizados do Distrito Federal. *Com. Ciências Saúde.* 18(3): 9-16.
- Davim, R.M.B. *et al.* (2004). Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. *Rev Lat Am Enfermagem*; 12(3): 518-524.

Ferreira, L. (2006). *A Imagem Refletida: Olhares para O Ser Envelhecido em Diferentes Contextos Sociais*. Tese de Mestrado em Educação Física. Universidade Metodista de Piracicaba. 246 pp.

Lei nº 10.741 de 1 de outubro de 2003. Estatuto do Idoso. Política Nacional do Idoso. Brasil.

Marcelino, V.R. (2008). *Influência da Atividade Física na Imagem Corporal e Percepção de Dor de Pessoas Idosas com Dores Crônicas*. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 111 pp.

Monteiro, P.P. (2001). *Envelhecer - Histórias. Encontros. Transformações*. Belo Horizonte: Autêntica.

Schilder, P. (1999). *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. Tradução Rossane Wertman. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes.

Tavares, M.C.G.C. (2003). *Imagem Corporal: conceito e desenvolvimento*. Barueri: Manole.

Whitbourne, K.S.; Skultety, M.K.(2004). Body Image Development – Adulthood and Aging. In: Cash,T.F.; Pruzinsky,Y.T. *Body Image: A Handbook of Theory, Research, & Clinical Practic*. New York: Guilford Press.